

## Aspectos socio-históricos dos povos !kung (khoisan) de Angola

Leonardo Tuyenikumwe Pedro\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0003-4619-9732>

Paulino Luís Mussili\*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0001-5413-6585>

**Resumo:** Em Angola existem 3 grupos populacionais quanto à origem: povos bantu, khoisan e vatwa. Esta pesquisa estuda aspectos sócio-históricos do grupo étnico !Kun de Angola pertencente ao grupo khoisan. Pretende-se analisar o histórico e a cultura desta etnia numa perspectiva diacrónica. Qual é o lugar dos povos !Kung na historiografia africana e universal? Os !Kung são “etnias minorizadas”, e são relíquia para a humanidade, porque constituem o fundo primitivo de África (os primeiros habitantes de África, do planeta terra) e que correm o risco de extinção ou apagamento das suas raízes históricas e antropológicas. Os !Kung podem responder à várias questões sobre o passado do homem no planeta terra. Este é um estudo bibliográfico e de campo com uso de entrevistas como instrumentos de coleta. As entrevistas foram realizadas com personalidades da etnia !Kung portadora da história oral, realizado ao habitat da comunidade !Kung em Oshimolo, Província do Cunene (Angola). O conteúdo foi submetido ao “método histórico” uma vez que permite examinar cuidadosamente cada uma das fontes disponíveis e procura determinar o grau de fiabilidade e veracidade da informação. Da pesquisa se conclui o povo !kung de Angola merece toda a nossa atenção por ser um povo que preserva traços socio-históricos e linguísticos da ancestralidade africana. As representações artísticas da humanidade (pinturas e gravuras rupestres) foram produzidas pelos seus ancestrais, deste modo, seus vestígios constituem valiosas fontes de informação sobre a sua sociedade, economia, tecnologia e provavelmente religião e da humanidade, em geral.

**Palavras-chave:** História; Cultura; !Kung; Khoisan; Angola

### Socio-history aspects of the !kung people (khoisan) of Angola

**Abstract:** In Angola there are 3 population groups in terms of origin: Bantu, Khoisan and Vatwa peoples. This research studies socio-historical aspects of the !Kun ethnic group from Angola belonging to the Khoisan group. It is intended to analyze the history and culture of this ethnic group in a diachronic perspective. What is the place of the !Kung peoples in African and universal historiography? The !Kung are “minorized ethnicities”, and are a relic for humanity, because they constitute the primitive background of Africa (the first inhabitants of Africa, of planet Earth) and that they are in danger of extinction or erasure of their historical and anthropological roots. The !Kung can answer many questions about man's past on planet earth. This is a bibliographic and field study using interviews as collection instruments. The interviews were carried out with personalities of the !Kung ethnicity who carry oral history, carried out in the habitat of the !Kung community in Oshimolo, Cunene Province (Angola). The content was submitted to the “historical method” as it allows a careful examination of each of the available sources and seeks to determine the degree of reliability and veracity of the information. The research concludes that the !kung people of Angola deserve our full attention for being a people that preserves socio-historical and linguistic traces of African ancestry. The artistic representations of humanity (rock paintings and engravings) were produced by their ancestors, thus, their remains constitute valuable sources of information about their society, economy, technology and probably religion and humanity in general.

\* Doutor em História Moderna e Contemporânea, ramo de Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL, Lisboa. Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais (CEI-ISCTE-IUL). Professor no Magistério de Ondjiva (MAGO) e no Instituto Superior de Educação de Huila - Angola. E-mail: leonardotuyeni2013@hotmail.com ou ltpoe@iscte-iul.pt

\*\* Licenciado em História pelo Instituto Superior de Educação da Huila. Professor no MAGO. E-mail: mussili12paz7@gmail.com

**Keywords:** History, Culture, Kung, Khoisan, Angola.

**Omau kwa tya nghalondjokonona yovakwanghala vomo Angola – ova !kung (!xung) novakedi vo mokunene**

**Oshikwanyama/Shaxupipika/exupipiko:** Oshixupipikwa Omushangwa ou ouna e tomeno loku nongononna oma u kwa tya oukali-noopandjokonona yongudu muhoko wOvaKun nOwedi vomo Kunene (Angola) oludi IOvakwanghala (Ovakoisan), esho osho oshifilwa shisho shetu, tu konakone omau kwa tyandjokona nomifyuululwakalo doludi eli moku shipununa kwa keshe efiku. Oshikalemo pulo osho nee eshi: Onhelemutumba pandjokononamishangwa dAfilika nOunyuni otai hangwa peni? Enengenekofaneko 1: nonande Ovakung nOvakwedi ovo “oludi ta li ifanwa li heshi lihapu”, ovo oshidimbulukifo kovanhú aveshé, osheshi eli va ninga eshi ovandjokononi vAfilika há vai fana etindi lonakudiwa yAflika – ovakalimo votete vAflika, naunene, mousnyuni, aushe, ofimbo va talelwa komashongo manene oku hanaukapo kwo mau kwa tya oukali noondjokonona yavo (ounhu wavo nomifyuululakalo); Enengenekofaneko 2: Omaulikofaneko ovahongi ounyuni (omafano noihongwa mamanya) oya kala ya ningwa kolunhu va vo vonhale, mongaha, oindulukwa yavo va fiyapo oyo oihoelwa yafimana kombinga yeuliko lasho shali oku kala kwavo, omaupuna avo, eshiivo noku tengenekayo eitavelo lavo nolounyuni, aushe. Ovakung novakwedi, oku dilila moukali-ndjokonona yavo tashi shiiva oku yandja enyamukulo kwi hapu yapamba efimbo lapita lovanhu. Momafiku onena omau kwa tya ondjokonona nomifyuululwakalo davo ota di dulu oku yambidida kexumokomesho loukali, lomaliko, mwa kwatelwa omatalelelpo omifyuululwakalo dAflika lwokolukadi. Eongelo loukwashili woku dutapo omushangwa ou o wakwashipalekwa komapupi avali: ekonakono lomambo nokupula ovaneneenhu voludi IOvakung vena ounongo nondjokonona yatambulafanwa okanya nokanya, sha ningilwa monhele yoku kwavo! Ovakung nOvakwadi mOshimolo, mOkunene (Angola). Oshikalemo oshakonakonwa “noukwatya ndjokonona”, mwasho ta shi pitike u konakone nawa kesho odjo ove u konge ounene welinekelo moshilo sho she twa po.

**Oitya-yafimana:** Ondjokonona; Omufyuululwakalo; !Kung; Kwedi; Khoisan; Angola

## Introdução

No território angolano, originalmente viviam vários povos nomeadamente os povos bantu e os khoisan. O presente texto aborda os aspectos históricos e culturais do grupo étnico !Kung e Kwadi (ambos constituem variedade dos povos Khoisan) de Angola, partindo de uma amostra ou estudo realizado em Oshimolo, Município do Cuanhama, Província do Cunene, Angola, com o propósito de estabelecer uma relação entre a informação bibliográfica e a história oral, assim como compreender o dinamismo histórico-cultural, podendo, desde modo, contribuir para a preservação da história e de cultura dos !Kung e Kwedi.

Este artigo tem como objetivo consiste em analisar aspectos históricos e culturais deste grupo étnico numa perspectiva diacrônica. Sua importância reside no fato de se pretender, modestamente alcançar um conhecimento, sólido e atualizado capaz de contribuir para uma análise da evolução da história e da cultura dos povos !Kung e Kwadi do Cunene (Angola). Igualmente, poderá proporcionar conhecimento científico sobre a história e sobre as culturas material e imaterial daqueles que são os povos mais antigos

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... do planeta, e que, no entanto, também constituem as chamadas minorias éticas, em via de extinção.

O presente tema tem uma dimensão profunda e multidimensional, pelo fato de refletir sobre aspectos relacionados ao povo que faz parte do fundo primitivo do nosso continente, um povo cuja sua cultura e história são poucas conhecidas, bem como a sua existência encontra-se ameaçada, principalmente, pelo fenômeno de integração e assimilação perpetrado pelo bantu. Assim, este estudo pode servir como fonte de consulta para os estudiosos e atualização de currículos escolares, enriquecimento do acervo bibliográfico / historiográfica sobre os !kung, contribuindo assim para o conhecimento do lugar deste povo no âmbito de História de Angola, da História da África Austral e da humanidade.

Portanto, acreditamos que muita riqueza histórica relacionada à cultura material e imaterial, bem como o percurso histórico deste povo precisam de ser exploradas, valorizadas e divulgadas para o conhecimento das novas gerações, fortalecendo a unidade nacional, como pode apresentar subsídios úteis para estimular o desenvolvimento social, intelectual, do turismo e da cultura.

Para este trabalho de investigação apresentamos a seguinte Questão Central (QC) que orientará a nossa investigação: Qual é o lugar dos povos !Kung na historiografia de Africana e/ou universal? Hipótese 1: apesar de os !Kung e Kwadi do Cunene (Angola) constituírem as chamadas “minorias étnicas” ou “etnias minorizadas”, eles são uma relíquia para a humanidade, pois constituem aquilo que os historiadores africanistas denominam de fundo primitivo de África – os primeiros habitantes de África, em particular, e do planeta, no geral, ao mesmo tempo que correm sérios riscos de extinção de seus aspectos sócio-históricos e antropológicos (físico e culturais). Hipótese 2: As representações artísticas da humanidade (pinturas e gravuras rupestres) foram produzidas pelos seus ancestrais, deste modo, seus vestígios constituem valiosas fontes de informação sobre a sua sociedade, economia, tecnologia e provavelmente religião e da humanidade, em geral. Os !Kung e Kwadi do Cunene (Angola), por meio de seus sócio-históricos podem responder várias questões em torno do passado do homem. Ainda nos dias de hoje seus aspectos sócio-históricos e culturais podem contribuir para o desenvolvimento social e econômico, realçando o turismo sociocultural na África Austral.

Relativamente à metodologia, todo trabalho científico pressupõe o uso de uma metodologia de estudo e de análise. Segundo Maria José Sousa e Cristina Sales Baptista (2011), a metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... investigação, que condiciona, por si só, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objetivos que se pretendem atingir<sup>1</sup>. Neste quadro, a recolha de informação para a produção deste texto foi concretizada em duas fases: estudo bibliográfico e entrevistas à personalidades da etnia !Kung portadora da história oral, realizado ao habitat da comunidade !Kung em Oshimolo, Província do Cunene (Angola). O conteúdo foi submetido ao “**método histórico**”<sup>2</sup>, neste permite examinar cuidadosamente cada uma das fontes disponíveis e procura determinar o grau de fiabilidade e veracidade da informação. Neste texto é estruturado por seis secções: na secção 1 “etnónimo em torno dos povos !kung” é analisado um conjunto terminologia ou nomenclaturas usadas pela comunidade acadêmica e a população para designar este povo. Na secção 2, hipóteses da origem e mobilidade, é apresentada a hipótese de origem dos povos !kung e kwadi do Cunene, desde as teorias mais antigas e descontextualizadas à teoria mais recente, com certa , a mais próxima da verdade. Na secção 3, é analisado as características sociais e o seu percurso histórico, salvaguardando o dinamismo social e cultural. Na secção 4 é apresentado a organização sociopolítica deste povo e o seu relação e modo de estruturação e de liderança sociopolítico. Na secção 5, destacamos a principais atividades econômica e a sua relação com a natureza. Finalmente, na secção 6, descrevemos o conjunto de hábitos, costumes e outras manifestações cultura material e imaterial, desde as mais antigas às mais recentes.

## **1. Etnónimo em torno dos Povos !Kung e Kwadi (Khoisan)**

!Kung e Kwadi são alguns etnónimo constituem variedades do grossónimo Khoisan. Terminologia pelo qual são geralmente conhecidos cientificamente. Esta palavra “Khoisan”, resulta de uma combinação de duas palavras khoi- khoi e san. Estas duas palavras indicam duas principais variedades desta grande família etnolinguística (Khoisan). O termo Khoisan, proposto por J. Shapera e adoptado em inúmeros trabalhos, é uma combinação de duas palavras khoi-khoi: khoi, que significa “homem” e san, cuja raiz sa significa “acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos

---

<sup>1</sup>Sousa, Maria José e Cristina Sales Baptista (2011), Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios, segundo Bolonha, Lisboa, LIDEL-Edições Técnicas, p. 52.

<sup>2</sup> O método histórico consiste na recolha, crítica, interpretação e confrontação dos testemunhos a fim de comprovar a fiabilidade e a veracidade dos mesmos sobre os acontecimentos históricos para respondermos com exatidão possível as questões da investigação (Bloch, 2010, p. 14).

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... animais. Trata-se, portanto, da qualificação de um grupo humano em função de seu gênero de vida e modo de produção (Ki-Zerbo, 2010, p. 307).

Antropologicamente os *Khoisan* são compostos por dois grupos: pelos *Khoi-khoi*<sup>3</sup> (Khoi) é uma palavra da língua Khoikhoigowab, que significa pessoa. Com uma população estimada em 200.000 falantes, em África, distribuídos em diversas variedades de povos com culturas aparentadas, entre eles temos a Kwadi ou Ovakedi (Konig, 2008; Jones, 2019) e pelos San – composto pelos !Kung e outros). Estes são tradicionalmente, caçadores-coletores e nômades. A sua dieta alimentar e a atividade econômica são à base de raízes de plantas, frutos silvestres, carnes de caça e mariscos. Semelhantes aos Khoi, em linguagem e aparência, os San não se dedicam à pastorícia nem à agricultura (Kondja, 2021, p. 10).

**Foto 1:** Uma mãe com o seu bebé e um homem com instrumentos de caça



**Fonte:** Pinterest: The Africa Image Library

<sup>3</sup> Os Khoi são também conhecidos pelo nome de Hotentotes, um etnónimo tradicional, desacreditado por ter uma conotação negativo, usado pelos exploradores holandeses, no século XVII (Chebanne, 2010; Lee, 1993; Traill, 1985).

O termo san é uma evolução de “Sonqua/Soaqua” (plural masculino) ou “Saan/saon” (plural de gênero comum). Originário das línguas Khoikhoi, san significa “aborígenes” ou “autóctones”, pessoa originária da terra em que habita. O etnónimo Sonqua foi amplamente difundido em documentos holandeses e ingleses desde o século XVII. Por volta de 1970, foi substituído por Bosquímanos, que, do holandês “Bosjesman”, significa “pessoas do mato”. Os termos Bushmen e Hotentote carrega conotações negativas. E, por essa razão, muitos dos investigadores têm preferido, desde o final do século XX, usar o termo San<sup>7</sup> para se referirem aos caçadores e coletores. Embora os caçadores e coletores não sejam mais numerosos que os Khoe, estão, no entanto, geograficamente mais dispersos e são linguisticamente mais diversos (Lee, 1993) e (Kondja, 2021, p. 11).

Ao contrário do que se conhece, principalmente em Angola, o etnónimo *Khoisan* é um grossónimo constituído por vários povos, não apenas dois (khoi-khoi e san). Fazem parte da família Khoisan os povos Hadze, Sanawe, Kwadi, Khwe, Nama, Damara, Hailom, Ju’hoani, !Xun (!Xung), !Hõa, !xóõ e N/uu (=Khomani), Khoi<sup>4</sup> (Khoi-khoi<sup>5</sup>) espalhados na vasta região da África Austral. Em Angola encontramos, principalmente os !Kung (!Xung) variedade dos San e os Kwed (ovakede), da variedade dos Khoi-khoi (Kondja, pp. 10-18). Porém, é preciso realizar um estudo minucioso para se apurar as demais variedades das duas famílias existentes em Angola.

Para outros investigadores como José Redinha (1969 e 1975) e Carlos Estermann (1960b e 1983), !Kung (san) são conhecidos por bosquímanos e kwadi (Khoi) por hotentotes, terminologias essas que lhes foram impostas pelos povos de origem europeia, como se confirma no trecho seguinte: “Na extremidade sudoeste do continente vivem nos nossos dias, dois grupos humanos em vias de extinção, os Bosquímanos e os Hotentotes, que se podem considerar da mesma raça, a raça KHOISAN, do termo khoi, pelo qual os Hotentotes se designam a si próprio, e do termo san, pelo qual se designam os Bosquímanos (ou, à inglês, Bushmen, homens da floresta)” (Paulme, 1996, p. 20). Quanto à designação hotentotes deriva do termo holandês “gago” ou antes cacarejador, por causa dos sons estalinhos que fazem parte da sua fonética (Estermann, 1983,p.175).

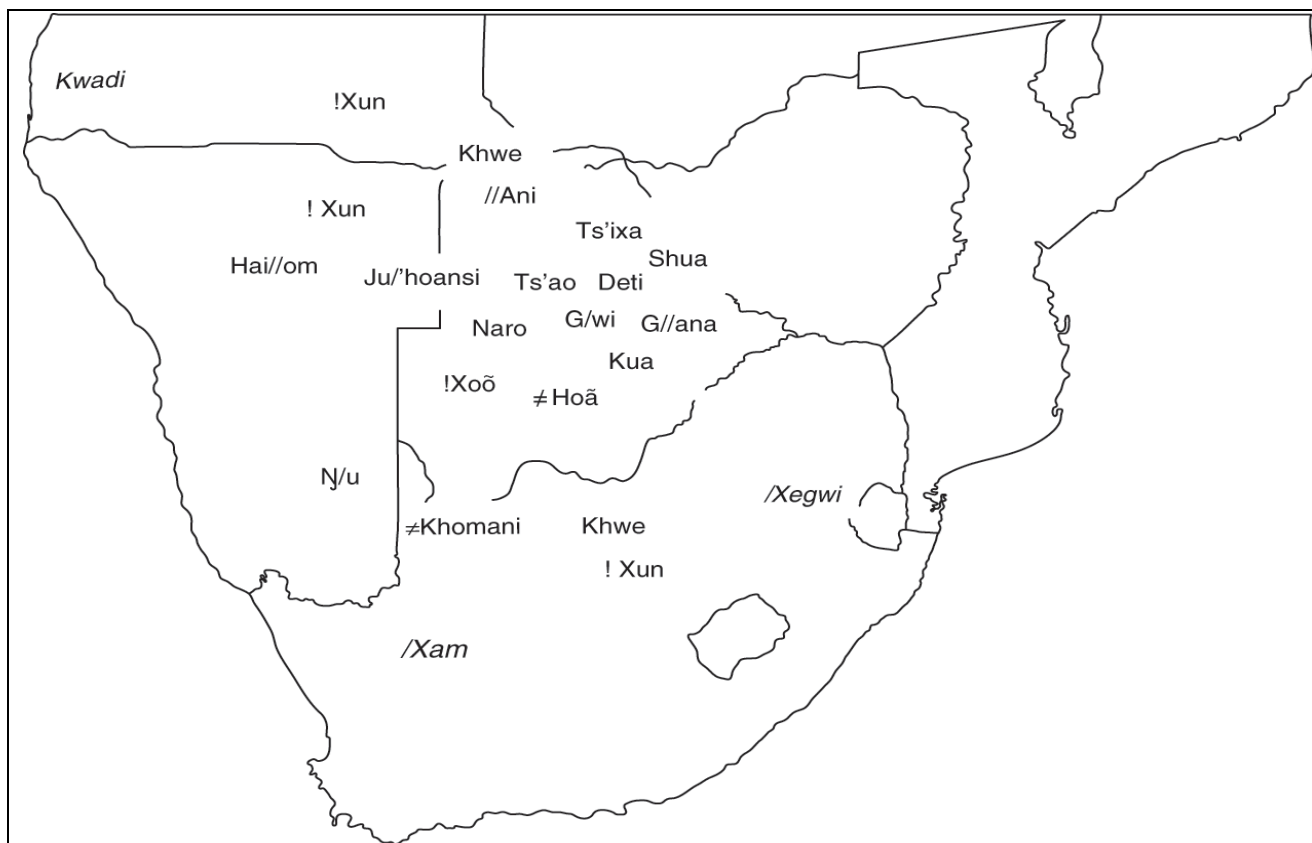
Vejamos o mapa que localiza os povos khoi e san na África Austral de África:

---

<sup>4</sup> Khoisan do Centro

<sup>5</sup> Khoe (Khoekhoe)

### Mapa 1: Mapa etnográfico dos Khoisan, África Austral



Fonte:

[https://static.cambridge.org/binary/version/id/urn:cambridge.org:id:binary:20190709041230079-0136:9781108289603:41826fig1\\_1.png?pub-status=live](https://static.cambridge.org/binary/version/id/urn:cambridge.org:id:binary:20190709041230079-0136:9781108289603:41826fig1_1.png?pub-status=live)

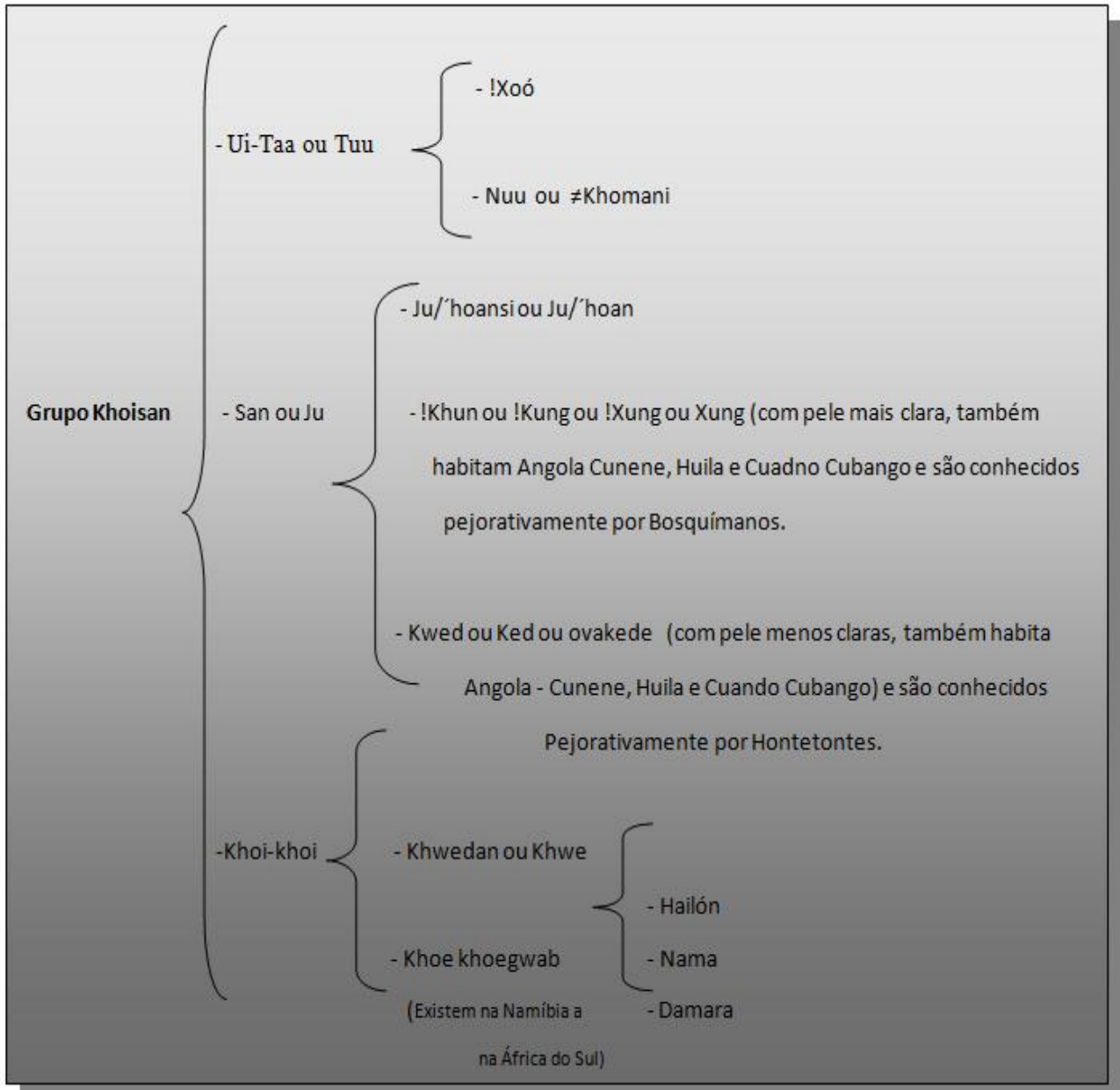
Os San e Khoi evidenciam afinidades morfológicas e etnolinguísticas (Redinha, 1969, p. 8). O certo é que os indivíduos do grupo deste etnolinguístico da área estudada (município do Cuanhama), no quadro de um trabalho de campo realizado por nós, afirmam desconhecerem da denominação Khoisan, e dizem serem os !Kung e Kwedi<sup>6</sup>, este nome estende-se a todos, incluindo alguns que vivem na República da Namíbia, os vakwedi/kwedi, os san e os malili, estes últimos ainda se encontram num estado de convívio isolado do resto de qualquer sociedade, vivendo uma cultura considerada “primitivo”, fugindo outros grupos humanos<sup>7</sup>. Porém, os povos Bantu, vizinhos dos Kwadi e Kung, atribuíram à estes povos certos nomes pejorativos que diferem em cada região, entres os quais citaremos os seguintes: Ova-Kwangala, Mukuassekele, Camussequele, Tuzala-Majimo, Ova-Kwankala, Cacuengos, Vakwengo, Ovassekele, Ovakedes, Kazama. Os !Kung chamam aos Ovawambo de !kai, significa negro e !nany a todos povos negro Angolanos que não sejam Ovawambo.

<sup>6</sup> Termo pronunciado pelos entrevistados dentro da comunidade estudada, mas a bibliografia consultada por nós apresenta o termo !Kung.

<sup>7</sup> Entrevista a Hamutenha waNepembe “!Nheme”, no dia 26 de Abril de 2012, na comunidade !Kung de Okafima, Cunene, Angola.

Importa-nos salientar aqui que na localidade do Oshilomo, província do Cunene, em Anagola, encontram as seguintes variedades da família Khoisan: Os Kwadi (localmente conhecidos por Ovakedi<sup>8</sup>), uma das variedades dos Khoi-khoi, e !Kung (uma das variedades dos San).

**Esquema 1:** A grande família Khoisan, segundo José Kondja (2021)



**Fonte:** Elaboração própria

<sup>8</sup> (localmente conhecidos por Ovakedi, esta palavra de origem Khoisan e que sofreu uma transformação ao acrescentar o radical Ova do oshikwanyama)



## 2. Hipóteses da Origem e Mobilidade

A origem dos !Kung foram várias vezes associadas à regiões longínquas da considerada mais provável, desde o norte de África, continente Asiático, até resultado de um longo processo de miscigenação de povos de outros continentes. Todavia, não estamos diante de teorias recentes, pois, Redinha (1969) já abordara tal questão, referindo que “buscando-lhe a antropogénese, tem-se admitido para os !Kung uma filiação nos homens de Grimáldi, negróide descendentes de populações da Ásia central e portadores de cultura aurinhacense que, há mais de 25 000 anos e durante o Paleolítico superior habitaram a Europa ocidental”.

Alguns cientistas admitem que este povo é resultado de mestiçagem de mulheres somalis, egípcias e Bantu, com homens mongóis ou mesmo persas e indianos (exploradores de ouro de Salomão nos territórios de Sabá). Outros opinam que, dos ramos dos sul-hominídeos ou dos homens mesolíticos de Boskop e Florisber (África do Sul) tenham descendido os khoi e os san. Outros ainda admitem que do mesmo centro antropogénico provieram khoisan, mongóis e negros. Alguns, como Boule, assentam a ascendência grimaldiense, situando o seu tronco genealógico no Norte ou Centro africano (Redinha, 1969, p. 7-8).

No entanto, estudos mais recentes demonstram que os !Kung fazem parte dos povos mais antigos de África, ou seja, constituem o chamado fundo do povoamento africano. É um dos grupos populacionais mais antigos do continente africano, por isso, alguns investigadores chamam-lhes de povos «reliquia<sup>9</sup>». Existem hipóteses diferentes no seio dos investigadores e não há consenso entre eles. Entendemos que é necessário analisar as diversas opiniões para chegarmos mais próximo da verdade histórica. Os !Kung podem ser considerados o grupo antropológico mais antigo da África austral. Antes do século XII, os !Kung já ocupavam toda a região do sul do Zambeze, mas os seus sobreviventes foram pouco a pouco repelidos e presentemente levam vida nômade apenas no Kalahari onde não existem pradarias, nem terrenos férteis capazes de atraírem outros povos (Estermann, 1983, p. 33) e (Paulme, 1996, p. 57).

Duas grandes migrações que os San efectuaram são: uma dirigida para o sul em direção ao lago Ngomi África central, fixando-se por algum tempo nas bacias dos rios Vaal Reil, desta horda, uns San partiram para a Gricualandia ocidental e outros foram para o leste até Wittebergen e os restantes para o sul ocupando extenso território da

---

<sup>9</sup> Relíquia significa preciosidade, expressão que deve ser compreendida no seu sentido histórico positivo, (Keita, 2009, p. 71).

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... África do Sul e a outra migração dos San encaminhou-se para oeste, chegando para o litoral Atlântico, ao sul de Windoeck, onde seguiu para o oriente assenhorando-se das terras em que atualmente se situam Lourenço Marques e em seu termo; mais tarde, obrigados pelos Bantu, estes San deslocaram-se para o ocidental, indo habitar nas regiões onde previamente haviam estacionados os San da primeira migração (Stow, [s/d], p. 98, citado por Almeida, 2004, p. 28). Portanto, admite-se que atingiram o seu habitat actual no sul da África, provindo do norte e os seus antepassados teriam ocupado parte do leste africano tropical e a zona adjacente do Centro (Redinha, 1975, p. 8).

A investigadora Sara A. Tishkoff, da Universidade de Pensilvânia, em 2003 realizou um estudo genético de um grande grupo de populações humanas atuais, chegou a conclusão que a região específica denominada “Berço da Humanidade” ficaria na região dos !Kung, mais próximo do litoral na fronteira entre Angola e Namíbia. Tishkoff indica as possíveis migrações dos ancestrais dos !Kung para o Norte e para fora de África, há cerca de 250 gerações. De acordo com este estudo, os !Kung possuem o mais elevado grau de diversidade do D.N.A. mitocondrial de todas as populações humanas, o que indica serem uma das populações mais antigas na terra.

O seu cromossoma Y se encontra no ponto de vista evolucionário muito perto da raiz da espécie humana, acreditando que vivem na região a mais de 100 mil anos (Piçarra, 2010, pp. 92-95). Os idosos entrevistados na comunidade !Kung e Kwadi do Cunene defendem o seu pioneirismo na região ao afirmarem que «*essa terra é nossa [...], os !kung foram os primeiros homens a habitarem o mundo e nessas terras<sup>10</sup>, viemos do leste<sup>11</sup>*». Portanto, acreditamos, que os !Kung não são mongolóides africanizados provenientes da Ásia, nem mestiços de africanas com homens persas e índios, mas sim têm a sua origem no continente africano e são inclusos no grupo de negróides. Neste caso, África Austral é a maior fonte de conhecimento desta imensa e complexa problemática da origem dos Khoisan.

Com a emigração dos povos Bantu, vindos da região do Benué, hoje fronteira entre a República dos Camarões e a República da Nigéria, para o Leste e para o Sul do continente, alcançando a região da Bacia do Congo, do Planalto Luba e dos Grandes Lagos, de onde partiu a expansão para os territórios da África Austral, os Khoisan foram pouco a pouco repelidos, refugiando-se nas zonas de difícil acesso como nas regiões

---

<sup>10</sup> “Nessas terras” o soba Shikongo, referia-se a toda região da África Austral.

<sup>11</sup> Afirmação do senhor Hamutenha Wa Nempembe “ !Nheme!, em entrevista dia 26 – 04 – 2012, em Oshimolo.

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... desérticas, semi-desérticas, montanhosas e estepes salinas dos confins da Namíbia, África do Sul, Botswana e Angola.

Este fato foi possível devido à superioridade econômica e militar dos Bantu, por praticarem a agricultura, pastorícia e serem portadores da arte de trabalhar o ferro. De igual modo, a pressão sobre os !Kung continuou mais tarde com o aparecimento de novos atores, os europeus, no quadro da ocupação colonial. Todavia, as guerras, a fome, as doenças, o impacto das alterações climáticas, as diferentes formas de exploração, a exclusão social, econômica e política têm diminuído consideravelmente o número deste povo, e hoje são incluídos nos chamados “povos minorizados” e encontram-se, de fato, em via de extinção. Com o tempo os conflitos entre Khoisan e Bantu terminaram e as relações de amizade e comerciais acentuaram-se.

### **3. Característica Sociais e Históricas**

#### **3.1 Aspectos Somáticos**

Geralmente, os Khoisan apresentam estatura média de 1,60 metro para os homens e 1,50 metro para as mulheres (Redinha, 1969, p. 8), membros de ossatura fina, com os pés e mãos pequenas a cabeça, em geral é dolicocefala, o cabelo cresce em pequenos tufo enrolados, distanciando-se uns dos outros, assemelhando-se a graus de pimenta. A forma do rosto é fracamente triangular, devido à saliência dos pómulos, os olhos ligeiramente oblíquos; o nariz é largo e achatado com os orifícios muito largos e por vezes ligeiramente virados para cima; genericamente apresentam a barriga saliente, o mesmo acontece com a parte posterior ao sexo para as mulheres «*esteatopígia*». (Estermann, 1983, p. 36). A pigmentação é mais clara em relação à dos Bantu e Vátua, rugosidade precoce da pele, principalmente os de sexo feminino (Fituni, 1985, p. 47).

#### **3.2 Língua**

A língua «*é um sistema abstracto de palavras e símbolos para todos os aspectos da cultura. Ela inclui o discurso, os caracteres escritos, os números, as expressões não verbais, os símbolos e os gestos*» (Schaler, 2006, p. 61). A língua é essencial para dinamizar as relações interculturais, no quadro do dinamismo social. A língua é um factor importante na formação, manifestação de identidade, na distinção étnica e é símbolo de etnicidade (Pinto & Nóbrega, 2009, p.15). Os estudos antropológicos tratam sem dúvida, de uma extrapolação da classificação linguística, que reúne as línguas dos san e dos khoi-khoi num mesmo grupo, caracterizado pela presença de consoantes e cliques com

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... valor fonético. Alguns autores, como Estermann, de forma descontextualizada, enquadram as línguas dos !Kung e Kwadi no grupo de língua camita, mas a classificação de 1968, apresentada por Ki-Zerbo (2010, p. 335), os classifica no grupo etnolinguístico “Khoisan”.

O certo é que as línguas dos Khoisan apresentam uma característica monossilábica (Fituni, 1985:47) e o uso de cliques ou estalinhos. Uma palavra é parecida a outra na composição de consoantes, vogais e cliques, mas muda de significado segundo o tom com que são pronunciadas as diversas sílabas, ou seja, algumas palavras começam num tom alto, médio ou baixo e terminam igualmente em tons altos, médios ou baixos. Acredita-se que o fato de este povo possuir uma língua própria e de difícil apreensão, traz vantagens na segurança dessa cultura antiquíssima e defende-se facilmente contra a penetração de elementos estranhos (Estermann, 1983, p. 41).

### 3.3 Organização Sociopolítica

Estes povos vivem agrupados em pequenos núcleos cujos membros são geralmente unidos pelo laço de consanguinidade. Cada núcleo ocupa um acampamento composto de poucas cubatas ou antes abrigos (Estermann, 1983, p. 37). Normalmente, um núcleo é composto por um número que varia entre 15 e 50 pessoas, sendo o poder exercido pelo mais velho do núcleo, cada indivíduo pode deixar o seu núcleo e ligar-se ao outro quando quiser. As dificuldades para a satisfação das necessidades mais elementares da vida impossibilitam formar grupos maiores, às vezes essas famílias são obrigadas a separarem-se porque o mesmo local não comporta o sustento de todos (Parkington, 2010, p. 733):

Estes grupos não reconhecem porém nenhuma autoridade étnica, sendo a única autoridade a que se submetem a do chefe do acampamento, chefe este que não é necessariamente um homem. No entanto, nada impede que, em casos complicados, se reúna um certo número de chefes de acampamentos para se aconselharem ou tomarem decisões ou fazerem julgamento (Estermann, 1960a, p. 22). Nestes núcleos, é a mulher que decide quando, como e para onde mudar os acampamentos. Nos novos lugares são elas que constroem as cubatas. Mas, a «*grande unidade política e social é o grupo de caçadores comandados pelo mais hábil*» (Paulme, 1996, p. 61). Portanto, entre os !Kung ou Khoisan, no geral, não existe uma autoridade real, não existe uma estratificação social, nem formam estados ou reinos, viveram sempre sob a forma de “comunismo primitivo”.

Em tempos mais remoto, a organização sociopolítica dos San difere dos Khoi-khoi, por causa do seu modo de vida. A dos Khoi é mais complexa do que a dos San e é mais próxima a dos povos Bantu. Cada etnia tem um chefe, um território fixo. A etnia compreende diversos clãs patrilineares e exógamas, com um sistema classificativo em que cada clã usa o nome do seu antepassado. Uma hierarquia severa, baseada na idade, rege as relações sociais no interior do clã. O chefe da etnia é o primeiro, por ser chefe do clã mais antigo (Paulme, 1996, p. 63).

### 3.4 Principais Actividades Económicas

Entre os Khoisan, existem diferenças nas atividades econômicas, pois, enquanto os os !Kung são essencialmente caçadores - recoletores, os Khoi são pastores não-agricultores. Entre os San existe divisão social do trabalho. As mulheres e as crianças dedicam-se da recolção de vários alimentos vegetais, notadamente ervas, tubérculos, rizomas, bagas e resinas, cebolas ou “raízes bulbosas”; os alimentos de origem animal, como lagartas, insetos, formigas, cigarras, gafanhotos, térmitas e tartarugas, bem como o mel e outros produtos que o seu habitat pode oferecer (Parkington, 2010, p. 718).

Os homens dedicam-se à caça em que a sua arma principal é o arco que não só o manejam com grande destreza e habilidade, como também o sabem tornar terrivelmente eficaz pelo envenenamento da ponta da flecha. Com efeito, é muito violento o veneno que é extraído de uma serpente. Eles caçam todos animais, de preferência os de grande porte (a gunga, olongo, kissema, humba, palanca, o gno, zebras, etc.), pois basta abaterem um destes animais para terem abundante ração de carne para alguns dias. (Estermann, 1983, p. 38).

Nos meses de Março até Maio a floresta é mais parcimoniosa, em anos normais, esta época coincide com o tempo de abundância entre os agricultores, a época da colheita. Raparigas e mulheres ajudam durante um mês ou mais, na faina da ceifa, recebendo em troca uns punhados de grão ou de farinha. Muitas vezes de volta ao acampamento, levam também uns pés de canhomio (*cannabis sativa*), que os Bantu cultivam exclusivamente para os «homens da floresta». Os utensílios de caça, quase todos de ferro, têm de ser comprados aos Bantu. Em troca os !Kung dão «produtos da floresta», como a cera e o pau de lukula<sup>12</sup> (Estermann, 1960a, p. 25).

Neste caso, no seu modo produtivo tradicional, não existia agricultura nem a pecuária e o cão era o único animal doméstico. No entanto, reconhece-se o equilíbrio

---

<sup>12</sup> São pequenos cavacos tirados do cerne vermelho da árvore *Pterocarpus* (Estermann, 1960a, p. 25).

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... entre os recursos alimentares disponíveis provenientes da caça e da recolção. Isto não impede que procurem ocasionalmente produtos agrícolas e outros objetos nos Bantu, especialmente durante o período do ano em que a floresta é mais parcimoniosa (Março a Maio). Apesar de algumas comunidades já terem dado o início a prática da agricultura e criação de gado, fruto da hostilidade da natureza, o que vai implicar a sedentarização e um processo de integração social com os Bantu.

Os Khoi são principalmente criadores de animais e o primeiro a ser criado é o cão. Este povo segue o seu gado de pastagem em pastagem. O boi pode servir de animal de carga e o leite conservado em gamela de madeira, bebe-se coalhado e bagas e raízes completam a alimentação. Só se consome carne em dias de festas. A procura de pastagem determina as deslocações dos Khoi. No comércio os !Kung e os Kwadi forneciam as suas, *omanghete*<sup>13</sup>, animais da caça e em troca recebem tabaco, utensílios de barro, pouca quantidade de produtos alimentares, pequenas chapas metálicas, para produzir as pontas das flechas, machados, catanas (cf. Foto 1).

#### 4. Manifestações Culturais

Todas as sociedades têm o seu modo de vida, as suas crenças e valores, os hábitos e costumes transmitidos de geração à geração e que constituem o seu património material e intelectual. As fotos 2 e 3 em anexo ilustram uma família.

##### 4.1 Nascimento

O nascimento é o momento da saída do feto dentro do útero materno para o exterior, como resultado de um processo denominado parto. É o início de uma vida autónoma de um ser vivo. Antigamente, a mulher dava a luz no meio da floresta, sem assistência mesmo se for pela primeira vez. Porém, fica uma velha encarregada de observar o andamento do parto, por trás de uma árvore, pronta a intervir se surgir qualquer complicação. O cordão umbilical é cortado com um pau em forma de faca. Posteriormente houve mudança, isto é, para dar à luz a parturiente ajoelha, sentando-se sobre os calcanhares, a fim de lhe fazer escancarar, a parteira senta-se enfrente da mulher e estala os seus pés entre as coxas da paciente. Mesmo quando as dores são muito violentas e demoradas, as assistentes não permitem que a parturiente se mexa muito (Estermann, 1960a, p. 31). Devido o contacto com outras culturas, atualmente o processo de parto está mais próximo das mulheres Bantu. Normalmente, o nome é atribuído pelo pai.

---

<sup>13</sup> Árvore pala qual é extraído o óleo a partir das suas sementes.

## 4.2 Iniciação

Os !Kung e Kwadi realizam ritos de iniciação masculina e feminina, depois destes ritos, o indivíduo está pronto para contrair matrimônio. Antes de ser considerado adulto, o jovem !Kung é submetido a um ritual que consiste em fazer incisões nas costas, nos braços, nas quais se esfrega carne carbonizada, para que a força e a agilidade da caça o penetre e cicatrizes entre os olhos servem para terem uma visão aguda (Paulme, 1996, p. 60). Por duas ocasiões se organiza, no acampamento, uma pequena festa para um jovem. A primeira vez, quando ele acaba de matar o primeiro bambi, para oferecer a pele do bicho à sua noiva; a segunda, quando, depois de casado, repete a mesma proeza (Estermann, 1960a, p. 28).

Quanto às raparigas, fazem o ritual de iniciação duas vezes, o chamado *efundula*<sup>14</sup> grande e o *efundula* pequeno. O primeiro ritual (*efundula* grande) é realizado quando aparece o primeiro fluxo menstrual. É o segundo ritual acontece logo ao aparecimento do segundo fluxo menstrual e é chamado de *efundula* pequeno. *Outrora*, após o aparecimento do primeiro fluxo menstrual, a rapariga era levada para a floresta distante do acampamento, numa cabana rudimentar, previamente construída para o efeito, onde permanecia uma ou mais semanas, de cabeça coberta com uma pele de antílope, sujeitando-se a severa dieta que a emagrecia bastante (não podia comer carne, mel, fruta e nem pirão<sup>15</sup> de massango). E para voltar a consumir estes alimentos proibidos, era sujeitada a um pequeno ritual denominado *okuhakula*<sup>16</sup>, praticado pela mãe ou por uma tia. Finda a clausura, a jovem regressava ao acampamento onde toda gente a recebia festivamente, durando dois a três dias, consumindo-se carne de caça e as mulheres executam danças próprias a estas cerimônias (Almeida, 1994, p. 110).

O noivo também podia fazer parte da cerimônia, mas não entrava na cubata, onde se encontrava a rapariga. Ao sair da cubata a noiva é vestida com uma pele nova, do animal abatido pelo noivo. Nesta ocasião a rapariga recebia também missangas novas. (Estermann, 1960b, p. 9). Atualmente, quando aparece o primeiro fluxo menstrual, a rapariga vai ao seu quarto e dá a conhecer a primeira pessoa que entrar. O ritual começa com cânticos próprios (*uutchakun ñtchalanganga, uuntchankun ñtchalanganga...*) girando o quarto da rapariga, depositando ramos de árvores ao abrigo, ela deve usar missangas,

---

<sup>14</sup> Termo originário do Oshikwanyama que expressa ritual de iniciação feminino.

<sup>15</sup> Espécie de puré de batata.

<sup>16</sup> Termo de origem Oshikwanyama que significa curar ou levantar proibições.

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... *odelela*<sup>17</sup> ou pele de *bambi* (cabra de leque). No decorrer do ritual<sup>18</sup>, a rapariga não pode ser vista pelo público. Ela deve estar no abrigo com o seu companheiro caso tenha, além da guarda dela (*Ongholoko*). O *efundula* pequeno, acontece quando ocorrer o segundo fluxo menstrual e o procedimento será o mesmo que o primeiro. Este ritual pode durar um mês, só sair do quarto apenas de noite em caso de necessidades maiores ou menores e deve ser carregada pelas costas, salvo se estiver calçada, ou seja não pode pisar o solo.<sup>19</sup> Após o *efundula*, a jovem é considerada pronta para o casamento.

#### 4.3 Casamento

O casamento é um compromisso legal, fruto de uma relação de dois indivíduos de sexos diferentes, socialmente aprovado, com a finalidade de constituir uma família conjunta com vista à procriação e a inculturação dos filhos. Entre os !Kung, todas as negociações preliminares ao casamento, são tratadas entre os pais dos futuros noivos e por um amigo do noivo que pertence ao mesmo acampamento da rapariga. Em todo o caso a rapariga é publicamente interrogada, para se saber se ela quer aceitar o rapaz. Culturalmente conforme acontece em outras etnias de Angola, o rapaz deve dar os dotes do *alambamento* à noiva, era um *bambi* vivo sem sangramento, que o pretendente tinha que agarrar em corrida. Este procedimento tradicional encontra-se ultrapassado por acharem absurdo, atualmente é oferecida à noiva cobertor, vestuários e alguns adornos.<sup>20</sup>

Apresenta-se o noivo, no dia marcado e é recebido pelo amigo, que o leva aos pais da noiva. Ao fim da tarde, o amigo conduz o rapaz para a cubata onde se encontra a rapariga com as suas companheiras. Chegada a noite, saem os amigos e os noivos consumam o matrimónio e ele passa a primeira época do casamento com a família da mulher, dando-se a explicação de tal norma a possibilidade da avó se ocupar do recém-nascido (Estermann, 1960, p. 30 & Paulme, 1996, p. 61). O matrimónio dos !Kung é monogâmico, destacando-se a intolerância das suas mulheres a um acto de relacionamento extraconjugal. Já é possível encontrar um casal poligâmico devido à influência dos Bantu.(cf.Foto 3, em anexo).

#### 4.4 Morte e Herança

---

<sup>17</sup> Traje típica dos Ovawambo

<sup>18</sup> Entrevista a Naukalemo, em Okafima, dia 26 de Abril de 2012.

<sup>19</sup>Entrevista a Kaliwatona, em Okafima, dia 26 de Abril de 2012.

<sup>20</sup> Entrevista a Shikongo Haludingo "Kaima", autoridade tradicional (Soba) de todas comunidade !Kung na comuna de Oshimolo.



Antigamente quando alguém morria, começava-se a chorar e a lamentar, tomando aguardente. Para o adulto o luto é de quatro dias e de dois para uma criança. Os adultos eram enterrados atrás do abrigo, com a cabeça orientada para nascente. Para as crianças, fazia-se uma cova dentro do abrigo. Algum tempo depois da morte de um adulto, mudavam de acampamento. O momento de partida era marcado por um ritual, cujo homens lançam alguns ramos verdes sobre a campa. Igualmente procederão, se no futuro tiverem, por acaso, de passar perto do sítio da sepultura. Mulheres e crianças tomam um pouco de carvão, esfregam com ele a testa e laçamos restos sobre a campa, dizendo as seguintes palavras ritualistas: «aceita esta oferta. Nós vamos mais além da floresta. Encontrar-nos-emos! (Estermann, 1960, p. 32 e Paulme, 1996, p. 63). Actualmente, o corpo é embrulhado em peles amaciadas que cosem ou em cobertor. Enterrado o corpo, cada um deposita o seu ramo de árvore no túmulo e não se põem cruz porque é contra a tradição, são enterrados na lavra. O óbito pode durar dez dias e permanecem na região<sup>21</sup>.

Durante algum tempo, os viúvos e as viúvas devem abster-se de se aproximar do gado, de mexer nas vasilhas do leite (para os Khoi), de comer carne crua e de beber água fria. O período de luto termina com uma purificação, seguida por uma refeição e por uma reintegração nos deveres quotidianos semelhante à cerimônia que encerra o isolamento de iniciação das raparigas (Paulme, 1996, pp. 63-64). Na cultura !kung, antigamente os objetos que pertenciam aos homens: armas, machadinhos e peles, passavam a ser propriedade da mulher, depois da morte do marido.

Atualmente, esta regra é diferente, falecendo um homem, cabe o direito de herança a um sobrinho. Este não é necessariamente o filho da irmã mais velha. Em princípio todos os rapazes oriundos de irmãs uterinas estão em pé de igualdade. O herdeiro principal será designado por um conselho de família que se reunirá depois da cerimônia fúnebre (Pinto e Nóbrega, 2009, p. 25). A herança é materlinear, isto é, na escolha do herdeiro, a prioridade recai ao sobrinho que teve maior afinidade e amizade com o defunto. Todavia, se não houver descendente masculino da linha materna, a herança passa diretamente para um filho de uma prima materna do defunto. (Estermann, 1960, p. 145). Nos últimos tempos o direito de herdar tem-se estendido aos filhos e tios, isto é, segundo o Shikongo<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup>Entrevista a Shikongo, em Okafima, dia 26 de Abril.

<sup>22</sup>Entrevista a Shikongo, em Okafima, dia 26 de Abril.

#### 4.5 Arte

Pode-se descrever a arte, como a aplicação do saber a obtenção de resultados práticos ou a produção de objetos. A arte é a expressão máxima do momento, seja ele histórico ou pessoal. Os historiadores de arte procuram determinar os períodos que empregam um certo estilo estético por "movimentos". O artista usa a sua capacidade criadora para expor os seus sentimentos e sensações, além da imaginação, espontaneidade e experiências. A arte regista as ideias e os ideais das culturas e etnias, sendo assim, importante para a compreensão da história do homem e do mundo<sup>23</sup>.

São numerosos os testemunhos sobre o modo de vida dos grupos !Kung e Kwedi, alguns desses, deixaram seus próprios documentos em forma de pinturas e gravuras rupestres, que constituem valiosas fontes de informação sobre a sua sociedade, economia, tecnologia e provavelmente religião. Admite-se que todos os ocupantes da África Austral na Idade da Pedra recente fizeram uso de objetos microlíticos, como raspadores, pontas de armas de arremesso, enxós e furadores. Consequentemente, são também os autores das pinturas rupestres desta região do continente (Parkington, 2010, p. 716). Sendo os primeiros habitantes da África Austral, logicamente este conjunto de arte lítica e rupestre foi feito pelos seus ancestrais.

Apesar de terem sofrido uma influência sensível da parte dos seus vizinhos, os Khoi e os Negros, nem por isso deixa de existir uma verdadeira civilização Khoisan, notável pelas pinturas executadas nas paredes de abrigos rochosos como auxílio de carvão vegetal, ocre, água e gordura animal. Essas pinturas, retratando cenas de caça, danças destinadas a enfeitiçar a caça e onde se vêem dançarinos a mimar o comportamento dos animais e por vezes também combates entre Khoisan e invasores Bantu (Paulme, 1996, p. 57).

Existem numerosas pinturas rupestres retratando mulheres usando bastões de cavar mastreados. Conhecem-se dois tipos de bastões: o primeiro tem malhas pequenas e parece ter sido usado para transportar raízes e tubérculos; o segundo, tem malha maior, este tipo de bolsa deve ter sido empregado para transportar cascas de ovos de avestruz, que serviam como recipientes para água. Também existem pedras perfuradas ou trespassadas, que estão entre os achados mais comuns em toda a África Austral (Parkington, 2010, p. 722). Angola tem o privilégio de testemunhar estas belas artes líticas, no deserto do Namibe, perto do Virei, existe uma vasta área com gravura rupestre

---

<sup>23</sup> Texto de Apoio da Cadeira de História da Arte, 4º Ano, ISCED-Huila, Elaborada pelo Dr. Marcelina Gomes, 2011.

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... em Tchitundo-Hulo ou Tchitundolo, e mesmo grutas com vestígios de terem sido habitadas na Idade da Pedra, também consideradas como sendo “um dos mais belos conjuntos rupestre da Pré-História de Angola (Pirraça, 2010, p. 95). As pinturas dos abrigos de Tchitundo-Hulo e, segundo a curiosa expressão local, do Filho de Almeida (1994:100), espelha que foram produzidas, na opinião de vários autores, pelos Khoisan há alguns milhares de anos. Os !Kung conheceram a arte de trabalhar o ferro mais tarde, tendo aprendido com os Bantu que os ensinaram também a edificar as habitações (Almeida, 1994, p. 99-100).

Apesar de não apresentar evidências de que a metalurgia fosse uma atividade comum entre todos Khoisan, sabe-se que no século XVII em algumas regiões da África Austral eram hábeis no trabalho do cobre, confeccionando pontas e discos com esse metal. Antes de começarem a usar metais para fabricar seus instrumentos, os Khoisan usavam a pedra para produzir instrumentos de corte, raspar ou lascar, representando uma rica indústria lítica (Parkington, 2010, p. 744-746).

No que tange à música, os Khoisan do Cunene (os Kwadi e os !Kung) dispõem-se de modestíssimos instrumentos musicais: o arco de caça amarrando uma cabaça; casca de frutos seco, unidos nos pólos perfurados e a cabaças. O compasso da música é geralmente marcado pelo bater das palmas, executada especialmente pelas mulheres ao ritmo dos batuques. A dança é feita a partir de uma concepção coreográfica imitada com imperfeição as cenas da vida dos animais selvagens, denominadas *ematalaudeni*, havendo ainda danças especiais, como a de iniciação da puberdade feminina. As canções referem-se normalmente as colheitas de frutos e mel, as caçadas e os aspectos da vida conjugal (Almeida, 1994, p. 109).

#### 4.6 Religião

Testemunha-se entre os !Kung e Kwadi a existência de um único ser divino, causador de todo mal e do bem. Eles o denominam *!Gama*<sup>24</sup>, o seu Ente Supremo, à quem atribuem a criação de todas as coisas. Se alguém for fulminado por um acontecimento *!Gama* é tido por causador. Ele também agradecem à *!Gama*, mostrando-lhe uma pequena prece, *!Gama nyn!andule* (abrigo Deus), que os caçadores costumam fazer todos dias, antes de iniciar a faina da caça e por quaisquer rendimentos laborais (Estermann, 1960b, p. 33). Também acreditam na boa ou más influências dos

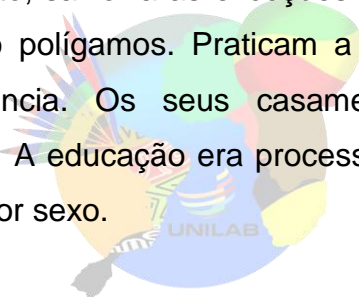
---

<sup>24</sup> Entrevista a Shikongo Haludingo “Kaima”, autoridade tradicional (Soba) de toda comunidade !Kung na Comuna de Oshimolo.

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... espíritos dos antepassados, prestam-lhes um culto e servem de protecção das novas gerações. Os curandeiros usam esses espíritos para diagnosticar os pacientes e posteriormente indicação do tratamento. Mas, o estado actual deste povo, é difícil discernir o que pertence a cultura propriamente !Kung e Kwedi, e o que provém de infiltrações dos negros vizinhos, é certo que aqueles que vivem perto dos Bantu recorrem facilmente, em caso desesperados, aos curandeiros destes últimos (Estermann, 1983, p. 40).

#### 4.7 Vida Familiar

Uma família (Foto 3 em anexo) é um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, cujos adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços de parentesco<sup>25</sup> entre indivíduos estabelecidos através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneas (pais, filhos, avos, etc.) (Giddens, 2006, p. 175). Os !Kung vivem em torno de umas famílias nucleares monogâmicas, praticam o incesto, salvo raras exceções devido as influências dos Bantu, ao contrário dos Khoi que são polígamos. Praticam a Exogamia no *clã*, as mulheres gozam de grande independência. Os seus casamentos são muito estáveis em comparação com os dos Bantu. A educação era processada de forma prática, tendo em conta a divisão das atividades por sexo.



#### Considerações finais

O etnónimo “Khoisan” é a combinação de duas palavras: khoi-khoin (homem) e san (acumular e arrancar frutos, arrancar raízes da terra), comumente atribuída aos !Kung. !Kung é a designação de um grupo etnolinguístico existente na África Austral, classificada em função do seu gênero de vida, característica de somática e modo de produção. Este povo, principalmente os que habitam no extremo sul de Angola, auto denominam-se !Kung. No entanto, são pejorativamente conhecidos por diversos nomes: Bosquímanos, Hontetontes, Mussequeles, Ovakede, Ova-Kwangala, Mukuassekele, Camussequele, Tuzala-Majimo, Ova-Kwankala, Cacuengos, Vakwengo, Ovassekele, Kazama. Os !Kung e os Kwadi do Oshilomolo (no Cunene) chamam aos Ovakwanyama de *!kai*, significa negro e *!nany* a todos povos negro Angolanos que não sejam Ovakwanyama.

---

<sup>25</sup> O parentesco é o conjunto das relações sociais que resulta da consanguinidade, real ou simplesmente afirmada, ou da aliança por casamento ( Colleyn, 2005, p. 91).

O certo é que os indivíduos do grupo deste etnolinguístico da área estudada (município do Cuanhama), no quadro de um trabalho de campo realizado por nós, afirmam desconhecerem da denominação Khoisan, e dizem serem os !Kung e Kwedi. Entre os !Kung e os Kwadi do Oshilomolo (no Cunene) ao simples olhar (observação sobre a população estudada em campo), nos parece não existir fronteira social, cultural, econômica e linguística, incluindo espaço étnico, pois vivem juntos e misturados. Apenas é visível a diferença somática – os !Kung têm a pele mais clara e Kwadi têm a pele menos clara.

Quanto a sua origem, acreditamos que têm a sua origem na parte Austral do continente africano. Eles vivem em pequenos grupos, geralmente unidos pelos laços consanguíneos e as principais atividades econômicas são: a caça, recoleção, pesca, artesanato e a agricultura em fase embrionária. A herança é matrilinear e quanto as crenças religiosas, os !Kung e Kwei acreditam em um ser supremo !Gama a quem atribuem a criação de todas as coisas. Existem atitudes preconceituosas e discriminatórias praticadas por alguns indivíduos Bantu contra os Khoisan, devido ao seu aspecto somático e linguístico, considera-nos “inferior” ou “atrasado” o seu estado socioeconômico e cultural, fato que contribui para a fraca inclusão dos estes povos na sociedade angolana.

Apesar de os Khoisan constituírem as chamadas “minorias étnicas” ou “etnias minorizadas”, eles são uma relíquia para a humanidade, pois constituem aquilo que os historiadores africanistas denominam de fundo primitivo de África – os primeiros habitantes de África, em particular, e do planeta, no geral, ao mesmo tempo que correm sérios riscos de extinção de seus aspectos sócio-históricos e antropológicos (físico e culturais). As representações artísticas da humanidade (pinturas e gravuras rupestres) foram produzidas pelos seus ancestrais, deste modo, seus vestígios constituem valiosas fontes de informação sobre a sua sociedade, economia, tecnologia e provavelmente religião e da humanidade, em geral.

Os !Kung e Kwadi do Cunene, por meio de seus sócio-históricos pedem responder várias questões em torno do passado do homem. Ainda nos dias de hoje seus aspectos sócio-históricos e culturais podem contribuir para o desenvolvimento social e econômico, realçando o turismo sociocultural. Apesar dos !Kung e Kwadi do Cunene estarem a enfrentar um processo de bantunização – integração social baseada na assimilação pelos bantu – eles mantêm firme e conservam ainda diversos aspectos da vida cultural e da história. O grande desafio dos destes povos consiste em enfrentar o impacto das

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... alterações climáticas que ameaça consideravelmente o seu modo de vida, ligado essencialmente a natureza, bem com enfrentar o processo de integração / inserção social, político e económico promovido de forma intencional ou natural de forma a se imporem num mundo cada vez mais globalizado, injusto, egoísta, assimétricos e exclusivo na qual têm sido os mais afetados por estes males.

## Referências

- ALMEIDA, A. (1994), *Os Bosquimanos de Angola*, Lisboa, Ministério do Planeamento e da Administração do Território Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia Instituto de Investigação Científica Tropical.
- BARNARD, A. (2007), *Anthropology and the Bushman*. Oxford-New York: Berg.
- BLOCH, Marco (2010), *Introdução à História*, 2ª ed., Lisboa: Public Europa-América.
- CLARK, J. D. (2010), *Pré-História da África austral*. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África: Metodologia e Pré-história da África*, Volume I, 2ª edição, rev. – Brasília, UNESCO.
- DEMARTIS, L (2006), *Compêndio da sociologia*, Lisboa, edições 70, Lda.
- ESTERMANN, C. (1960a), *Etnografia do Sudoeste de Angola, Volume I - Os povos não Bantos e o grupo étnico dos Ámbos*, Lisboa, editora: Junta de Investigação do Ultramar, 2ª edição.
- ESTERMANN, C. (1960a), *Etnografia do Sudoeste de Angola, Volume I - Os povos não Bantos e o grupo étnico dos Ámbos*, Lisboa, editora: Junta de Investigação do Ultramar, 2ª edição.
- ESTERMANN, C. (1960b), *Etnografia do Sudoeste de Angola, Volume II - O grupo Étnico Herero*, Lisboa, editora: Junta de Investigação do Ultramar, 3ª edição.
- ESTERMANN, C. (1983), *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro)*, Lisboa, editora: Colectânea de artigos disperso, Volume I.
- ESTERMANN, C. (1983), *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro)*, Lisboa, editora: Colectânea de artigos disperso, Volume II.
- FERNANDES, J. e NTONDO, Z. (2002), *Angola: Povos e Línguas*, Luanda, editora Nzila.
- FITUNI, L.L. (1985), *Angola: Natureza, População e Economia*, Moscovo, Ed. Progresso.
- GIDDENS, A. (2006), *Sociologia*, 6ª edição, Porto Alegre, editora Penso.
- Gomes, M. (2011), *História da Arte*, Lubango, ISCED-Huila
- GREENBERG, J. H. (2010), *Classificação das Línguas de África*, in: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África: Metodologia e Pré-história da África*, Volume I, 2ª edição, rev. – Brasília, UNESCO.
- GUERREIRO, M.I V. (1968), *Bochímanes !Khu de Angola*, Lisboa, editora: Junta de Investigações do Ultramar.
- JONES, K. (2019), *Contemporary Khoesan Languages of South Africa*. In *Critical Arts*. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02560046.2019.1688849>, consultado a 20.10.2021.

- Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ...
- KEITA, B. (2008), *História da África Negra*, «Cheikh Anta Diop», Contribuições endógenas para a escrita da história do continente, ensaio de Reflexão sobre uma obra, Luanda, 1ª edição, editorial Nzila
- KONDJA, J. E. (2021), *Produção de segmentos consonânticos do português por falantes nativos do !Khun (Khoisan), língua angolana*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, na Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- König, C. (2008), Khoisan languages. *Linguistics and Language Compass*, 2(5), 996–1012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2008.00084.x>, consultado a 16.10.2021.
- LEE R. (1993), *The Dobe Ju'hoansi: Case Studies in Cultural Anthropology*, Orlando Florida, Harcourt Brace College Publishers.
- MPLA (1965), *História de Angola*. Porto, Edições Afrontamento.
- NAMOLO, G. (2010), *O código das línguas no Mundo Globalizado*. Arquidiocese do Lubango - Angola, Lubango.
- OLDEROGGE, D. (2010), *Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas*, In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África: Metodologia e Pré-história da África*, Volume I, 2ª edição rev. – UNESCO, Brasília.
- PARKINGTON, J. E. A. (2010), *África meridional: caçadores e colectores*. In: MOKHTAR, G.. *História geral da África II: África antiga*. 2.ed. rev. Brasília, UNESCO.
- PAULME, D. (1996), *As Civilizações Africanas*, 2ª edição, Santa Sinta, Publicações Europa-América, Lda.
- PEDRO, L. T. & MUSSILI, P.L. (2012), *Impacto do processo de integração do grupo étnico Khoisan na comunidade Bantu- caso do Município do Kwanyama – Kunene*. Lubango, Dissertação de Licenciatura em Ciências da Educação, Opção em História, ISCED-Huila.
- PIÇARRA, A. (2010, *A Valorização da Arte Angolana, em* ) «Revista Austral», Luanda, edição do Jul/Ago, Nº 80. Edicenter Publicações.
- PINTO, Antunes R. Kaimba; NÓBREGA, Paulo Jorge (2009), *O Processo de integração da comunidade bosquimano*. Um estudo exploratório no Município da chibia, Proposta de enriquecimento do conteúdo no 2º ano do curso de História no ISCED-Lubango.
- PRINTEREST: The Africa Image Library. s.d. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/171910910753721661/>>. Acesso em 22 dez.2021.
- REDINHA, J. (1969), *Distribuição Étnica da Província de Angola*, 5ª edição, Luanda, Centro de Informação e Turismo de Angola.
- REDINHA, J. (1975), *Etnias e Culturas de Angola*, Luanda, editora: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- SCHALER, T. R. (2006), *Sociologia*, 6ª edição, São Paulo, CP Editorial Lda.
- Texto de Apoio (2010), *Antropologia Cultural do ISCED-Lubango*, 3º Ano.

Leonardo Tuyenikumwe Pedro, Paulino Luís Mussili, Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung ... TITIEV, M. (2009), *Introdução à Antropologia Cultural*, 10ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Edição e bolsa.

## ENTREVISTAS

Entrevista ao José Francisco Mário, em Ondjiva (Cunene), dia 23.9.2021.

Entrevista a Hamutenha waNepembe “!Nheme”, no dia 26 de Abril de 2012, na comunidade !Kung de Okafima (Oshilomo), Cunene, Angola.

Entrevista a Kaliwatona, em Okafima (Oshilomo), dia 26 de Abril de 2012.

Entrevista a Naukalemo, em Okafima (Oshilomo), dia 26 de Abril de 2012.

Entrevista a Shikongo Haludingo “Kaima”, autoridade tradicional (Soba) de toda a comunidade !Kung na Comuna de Oshimolo.

Entrevista ao Quartim Paulo Shahulo, dia 1.10.2021, Administrador da Comuna de Oshilomo (Cunene)

Entrevista ao Shikongo Haludingo, soba grande da comunidade !Kung.

## Anexos

**Foto 2:** Uma família no seu quintal



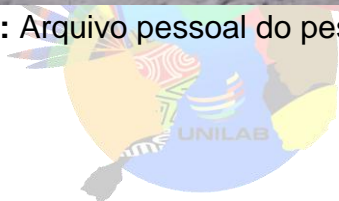
**Fonte:** Arquivo pessoal do pesquisador



**Foto 3:** O pesquisador e membros da família



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador



Recebido em: 01/11/2021

Aceito em: 21/12/2021

Para citar este texto (ABNT): PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe; MUSSILI, Paulino Luís Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung (khoisan) de Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.164-188, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Pedro, Leonardo Tuyenikumwe; Mussili, Paulino Luís. (2021, dez.). *Aspectos sóciohistóricos dos povos !kung (khoisan) de Angola*. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 164-188.